



Juan Esteves Photos&Reviews

Tempus Fugit > Ilan Kelson

>O que pensamos, o que sentimos, nossos relacionamentos e as nossas experiências podem ser algo trivial ou notável. Transformá-las em arte, já é um pouco mais difícil. Entretanto, já em 1984, o filósofo tcheco Vilém Flusser (1920-1991) escrevia em seu pequeno, mas essencial, volume *Towards a philosophy of Photography* (Ed. European Photography) que "não há atividade cotidiana que não pretenda ser fotografada". Um exercício complexo pois o tempo passa apressadamente, até mesmo voa, desde os tempos em que Virgílio (70 a.C-19 a.C) em seu longo poema *Geórgicas*, cunhou a expressão *Tempus Fugit*, uma conhecida frase que dá título ao fotolivro de Ilan Kelson, publicado pela Fotô Editorial no final de 2020. Hoje nossas métricas são outras e como diz o filósofo Pierre Lévy, tunisiano radicado em Paris, especialista nos avanços da tecnologias do conhecimento, é preciso observar os novos olhares sobre o avanço dos meios com que nos comunicamos, o que certamente toca em um dos conflitos da fotografia, que geralmente procura descrever o seu presente, mas tornando-o imediatamente passado. Aliás, como diz este pensador, nem mesmo o momento online acontece de em tempo real, padecendo de um delay temporal crônico. O que dizer então das imagens que estão no pretérito mais distante?

>*Tempus Fugit*, segundo seus editores, tratou de pensar o que fazer com as fotografias que acumulamos na vida. Do mesmo modo, é um trabalho em conjunto de curadoria e autor: Há oito anos, Kelson fez uma leitura de portfólio com o editor Eder Chiodetto, que naquele

momento não encontrou muitas conexões entre as imagens. Entretanto, diz ele, "trazia um núcleo promissor que tocava na questão da ancestralidade, passagem do tempo, ciclos de vida, embora ainda imaturo." O fotógrafo então retornou anos depois com um acervo maior, ainda empenhado nestas características, permitindo assim uma edição mais condensada e interessante.

Kelson conta, poeticamente, que seu interesse na fotografia vem da adolescência, quando ampliava uma fotografia: "uma imagem fluída e nebulosa lentamente assumindo a sua forma até se completar no revelador. Na serenidade daquela imagem estática, vislumbrei uma forma de conter o mundo. Era como se me fosse dado um tempo para silenciar e esvaziar minha mente quieta." Certamente uma experiência compartilhada com inúmeros autores iniciados pelo lento, mas prazeroso processo analógico.

>A maneira lírica do autor se expressar semanticamente é análoga a sua imagética que por sua vez tem respaldo no projeto gráfico criado por Fábio Messias em um formato clássico, capa de tecido com um berço para uma pequena fotografia contemplativa, que se espelha na contracapa e que nos provoca uma certa nostalgia pelas belas edições da Aperture* dos anos 1970. As suaves transparências em papel Clear Plus, entre imagens impressas no rígido Garda Kiara, pela Ipsis, reforçam a ideia das passagens temporais as quais o autor procura aludir.

Como uma recorrência nos fotolivros mais contemporâneos, imagens familiares e informais aparentemente antigas misturam-se com contemporâneas, encontrando certos aspectos referenciais vistos em boas publicações da editora, como Vereda Mágica (Fotô Editorial, 2020) de Norma Vieira (leia aqui review <https://blogdojuanesteves.tumblr.com/.../veredas-m%C3...>). Estas fazem o contraponto com belas tomadas de paisagens de caráter mais metafísico, com abstrações criadas por movimento, grafismos e texturas, e o uso da sobreposição e colagem, enquanto as quatro estações do ano perfilam pela publicação em uma possível metáfora da passagem do tempo, entre pontuações advindas de momentos em cor e em preto e branco habilmente conectados pelo editor.

>Fabiana Bruno e Eder Chiodetto se perguntam: Então de que valem as fotografias? Ao sobrevoar o acervo de um fotógrafo com indagações filosóficas e o pensamento sensível de Ilan Kelson, entramos em uma constelação na qual os seus astros iluminam mutuamente, transformando-se uns aos outros. Repletos de dúvidas acerca do destino do mundo (...). Embora possamos vislumbrar uma busca anímica que em certos momentos encontra sua tradução visual, por outro lado, também é notável situações mais críticas em suas

impossibilidades, ainda que aparentemente seus grafismos bem estruturados evitem o cotejamento de certas fotografias em um aprofundamento diacrônico.

Há, no entanto, o mérito explícito em *Tempus Fugit*: o amálgama entre as questões subjetivas da existência e a possibilidade de expressá-las de forma enlevada, o que o moribundo período conceitual em seu excesso de inconsistências acabou extirpando de boa parte da produção contemporânea. É interessante pensar que não é a clareza do discurso, mas a incerteza da emoção que pode fornecer a empatia suficiente para adentrarmos no universo do autor. Em lugar de buscarmos revelar seus atributos, devemos nos conceder a plenitude de sua forma, não abandonando assim o mistério proposto, muito menos exagerarmos na problematização do seu sentido mais trivial.

>O autor descreve sua vivência como uma trajetória constante de suas buscas: Graduou-se em Economia, passou pela faculdade de Letras, que abandonou no terceiro ano, e descobriu tardiamente que gostaria de ter cursado Arquitetura. Chegou a ser repórter e "ensaiou" ser fotógrafo, estabelecendo-se no mundo financeiro onde está até hoje. No seu laboratório fotográfico encontrou a possibilidade de esvaziar sua "mente ambulante" e descobriu na fotografia "uma forma plácida, plena e ao mesmo tempo apaixonada" para se expressar. A seu favor, olhamos para história da fotografia: como não pensar nos diletantes modernistas como Rubens Scavone (1925-2007) ou José Yalenti (1895-1967) cujas contribuições tornaram-se essenciais? Como escreveu o francês Georges Didi-Huberman "O artista é inventor de tempos. Modela, dá carne a durações até então impossíveis ou impensáveis: aporias, fábulas e crônicas."

Imagens © Ilan Kelson texto © Juan Esteves

*A Aperture Foundation é uma instituição artística sem fins lucrativos, criada em 1952 por fotógrafos e críticos como Ansel Adams, Minor White, Dorothea Lange e Nancy Newhall como "um terreno comum para o avanço da fotografia" e criar um fórum para a fotografia fine art, um conceito novo na época.

Hoje é uma editora e comunidade multiplataforma, envolvida com a fotografia como uma linguagem de ideias e comprometida com as contribuições do meio para as questões urgentes da sociedade e da cultura contemporânea .

* Nestes tempos bicudos de pandemia e irresponsabilidade política com a saúde e a cultura vamos apoiar artistas, pesquisadores, editoras, gráficas e toda nossa cultura. A contribuição deles é essencial para além da nossa existência e conforto doméstico nesta quarentena *

